

MÚSICA E INCLUSÃO: UM RELATO DO PIBID-MÚSICA/UFPEL

MARCO ANTÔNIO SILVA BREDOW ALVES¹; VINICIUS DIAS²; TATIANE
DUTRA GOMES REBOREDO³;

FELIPE DA SILVA MARTINS⁶:

¹Universidade federal de pelotas (UFPEL) – marcobredow@gmail.com

²Universidade federal de pelotas (UFPEL) – viniciusmellodias@gmail.com

³Universidade federal de pelotas (UFPEL) – reboredotati2020@gmail.com

⁶Universidade federal de pelotas (UFPEL) – felipedasmartins@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Acreditamos na docência como um espaço de práxis, um lócus onde teoria e prática se retroalimentam. Assim, tomamos o relato de experiência como uma forma textual e reflexiva do processo de inclusão escolar, a partir das reflexões dos pibidianos, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID-Música/UFPEl, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Lourdes, localizada no bairro Fragata, em Pelotas/RS.

De antemão, destacamos que não buscamos aqui respostas ou exemplos totalizantes; entendemos que o recorte apresentado é bastante restrito, mas ainda assim pode ser tomado como meio de reflexão ampliada diante de outras realidades semelhantes. Considerando a pluralidade de sujeitos que compõem a escola, compreendemos que,

O trabalho educativo no Ensino Fundamental deve empenhar-se na promoção de uma cultura escolar acolhedora e respeitosa, que reconheça e valorize as experiências dos alunos, atendendo às suas diferenças e necessidades específicas, de modo a contribuir para efetivar a inclusão escolar e o direito de todos à educação (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2010, p. 06).

A ideia central da inclusão escolar é assegurar que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças físicas, sensoriais, intelectuais, sociais ou culturais, possam frequentar as mesmas escolas e turmas e participar plenamente das atividades sociais e escolares (SRIDEVI, 2023), com acesso a oportunidades educativas de qualidade. Em nosso contexto, a inclusão escolar está respaldada por diversos dispositivos legais, garantindo que a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família (BRASIL, 1988), reforçando a obrigatoriedade de acessibilidade e adaptações razoáveis para assegurar a participação plena na educação (BRASIL, 2015).

No contexto desta escola, é possível perceber práticas que desafiam nosso cotidiano, como adaptações no ambiente escolar e a flexibilização pedagógica como um todo, além, claro, do engajamento das famílias e do aumento do número de profissionais de apoio e recursos físicos. Pois, “[...] a inclusão não se efetiva apenas pela presença do aluno na escola, mas pela

garantia de condições de aprendizagem que considerem sua singularidade” (MANTOAN, 2015, p. 42). A escola inclusiva deve ser compreendida como um espaço em constante construção, no qual os desafios se convertem em oportunidades de aprendizagem coletiva.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As reflexões aqui apresentadas partem de um período específico de observações realizadas na E.M.E.F. Nossa Senhora de Lourdes por um pibidiano ainda no início da graduação, em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. As observações ocorreram nas aulas de música, ministradas por uma educadora musical que atua na escola há mais de 20 anos e acontecem uma vez por semana, com duração de 45 minutos. Como já mencionado, as percepções relatadas representam um recorte específico da experiência de observação, trazendo o olhar dos pibidianos, considerando as três primeiras semanas do primeiro semestre de 2025.

A turma do 1º ano é composta por dezoito alunos, na faixa etária de seis anos. No primeiro dia de observação da aula de música, o pibidiano presenciou o atendimento de uma professora auxiliar a um aluno autista, com o objetivo de conduzi-lo à sala de aula e promover sua adaptação, já que ele participava da aula de música pela primeira vez.

Por se tratar das primeiras aulas de música da turma, todos os alunos estavam em fase de adaptação, conhecendo as novas rotinas e práticas do contexto escolar. Como a aula de música se apresentava, naquele contexto, como algo diferente, foi observada uma maior agitação no aluno autista, que inicialmente resistia a permanecer na sala de aula.

Entretanto, houve, naquela situação, um empenho por parte das professoras (auxiliar e de música) em promover a regulação das emoções de todas as crianças da turma, reconhecendo a universalidade das especificidades de todos os sujeitos envolvidos, o que tornou o ambiente seguro e propício para todos. A estratégia adotada pelas professoras foi antecipar a atividade de canto em conjunto, inicialmente planejada para o segundo momento da aula. Essa decisão revelou-se positiva, pois a atividade de musicalização contribuiu para a regulação emocional da turma como um todo, que estava em processo de adaptação.



Pibidianos participando da reunião pedagógica que teve como pauta a inclusão dos alunos com deficiência na escola. Acervo PIBID-Música/UFPEl.

Por meio da participação em reuniões pedagógicas e observações do cotidiano escolar, como recreios e conversas informais, percebe-se que a escola busca promover um ambiente acolhedor, com um olhar humano que favorece a inclusão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirma-se que a observação prática é uma ferramenta fundamental na iniciação à docência, pois permite ao pibidiano desenvolver um olhar diferenciado sobre a escola e os processos de ensino e aprendizagem. A experiência vivenciada pelo PIBID-Música na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Lourdes evidenciou que, mais do que seguir rigidamente um planejamento, é essencial que o professor esteja atento às necessidades da turma e seja capaz de ajustar as atividades em tempo real.

O caso do 1º ano, no qual a professora optou por inverter a ordem das atividades propostas, demonstra como a flexibilidade metodológica pode favorecer a inclusão. Observou-se, ainda, que a presença da professora auxiliar foi fundamental para o sucesso dessa adaptação.

Outro ponto relevante foi constatar que a regulação emocional dos estudantes esteve fortemente relacionada às atividades de musicalização, como o canto coletivo e as brincadeiras rítmicas, revelando o potencial dessas práticas como recursos inclusivos. Assim, as escolhas metodológicas das aulas

de música devem buscar o engajamento de todos, adotando o desenho universal como referência para a inclusão. Esse olhar implica planejar atividades flexíveis, capazes de contemplar diferentes perfis de aprendizagem e criar espaços de participação coletiva.

A experiência demonstrou que a inclusão é um processo coletivo, que exige investimento em recursos humanos e materiais, formação docente continuada e articulação entre escola, família e comunidade. Relatos e reflexões como este também constituem espaços formativos, tanto para os bolsistas em iniciação à docência quanto para os professores envolvidos, configurando-se como parte da formação continuada.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAGGIO, Rita de. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré-escolas. **Revista Criança do professor de educação infantil**, MEC, nº 44, 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. 1988.

BRASIL. 13146. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. 6 jul. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2010**. RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2010. 14 dez. 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é, por que e como fazer**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

PAULA, Wanessa Sousa de. **O processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola**. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2011.

SRIDEVI, V. Policies and Strategies in Inclusive Education. **Shanlax International Journal of Arts, Science and Humanities**, v. 11, n. S1i2-Nov, p. 135–138, 20 nov. 2023.